

**DESCRIÇÃO DOS IMPACTOS SOFRIDOS PELA COMUNIDADE DE
PESCADORES ARTESANAIS DE SANTA CRUZ – ES, BRASIL**

**DESCRIPTION OF THE IMPACT OF INDUSTRIAL FISHING ON THE
LOCAL FISHERMAN OF SANTA CRUZ – ES, BRAZIL**

Ricardo de FREITAS NETTO¹

RESUMO

O levantamento dos impactos sofridos pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz é um dos segmentos de um estudo realizado durante os anos de 2000 e 2001, abrangendo vários aspectos desta comunidade. O objetivo foi fornecer subsídios a esta comunidade para defesa de “seu lugar”, pois seu ambiente, subsistência e sobrevivência, ainda hoje vêm sendo ameaçados por atividades pesqueiras industriais – sempre predatórias – prejudicando a pesca e o ambiente de Santa Cruz. Neste estudo foram empregados questionários a toda a comunidade, sendo apenas alguns pescadores alvo de entrevistas mais fechadas, com auxílio de gravador. O registro fotográfico foi utilizado em outra modalidade de entrevista: a foto-entrevista. Foram diagnosticados três impactos principais: a invasão de embarcações de “fora” – provenientes de outras regiões do estado e do país – causando transtornos à comunidade; a pesca industrial; e a instalação de uma empresa mineradora de calcário biogênico na região. Aliado a esses impactos, a falta de apoio da Prefeitura local aos pescadores de Santa Cruz torna ainda mais difícil a continuidade de um segmento culturalmente diferenciado – o pescador artesanal – cujo conhecimento adquirido através de séculos de experiências diretas e de contato com o meio ambiente, permite sua interação de forma correta e ecológica com o recurso pesqueiro.

Palavras-chave: Impactos, Pesca artesanal, Santa Cruz e Espírito Santo.

ABSTRACT

A survey of the impacts suffered by the local fisherman community of Santa Cruz is part of a study carried out in 2000 and 2001. The intention of this study was to provide support to this community in the defence of “their place”. Their, subsistence and survival, are being threatened by industrial fishery activities – always predatory – which are damaging the fishery and environment of Santa Cruz. To obtain this information, questionnaires were given to all the community, with some fishermen being interviewed, using a tape recorder.

¹ E-Mail: nettoricardo@hotmail.com – Instituto ORCA (Organização Consciência Ambiental) Rua Celso Calmon 445/801 – Praia do Canto, Vitória/ES – 29055 590 – Apoio: Aracruz Celulose.

The photographic register was used in a different kind of interview modality: the photo-interview. Three main impacts were diagnosed: the invasion of "outside" boats from other regions in the state or even the country; industrial fishery; and the installation of a biogenic calcareous mining company in the region. Allied to these impacts, the lack of local city hall action to help the community of Santa Cruz makes the continuity of this particular segment of society so difficult. The artisanal fishermen, whose acquired knowledge over the centuries of direct contact with the environment, is indispensable represent the correct ecological interection of men and fish resources.

Key words: *Impacts, Artesanal fishery, Santa Cruz and Espírito Santo.*

INTRODUÇÃO

A pesca dentro dos moldes de uma pequena produção mercantil ampliada – a pesca artesanal – de extrema importância para a produção de pescado no litoral brasileiro (DIEGUES, 1988 *apud* FERNANDES & MACHADO – GUIMARÃES, 1994), vêm sendo inibida de diversas maneiras por inúmeras atividades exploradoras, como a pesca industrial. O trabalho em questão se realizou em função do início da exploração predatória de calcário biogênico na região de Santa Cruz/ES, e conseqüente conflito com a comunidade de pesca artesanal da região. Apesar de haver o reconhecimento de que o modo de vida de alguns segmentos culturalmente diferenciados – como a dos pescadores artesanais – é menos predatório do que o da sociedade industrial, órgãos públicos responsáveis pelo suporte a estas comunidades ignoram a repressão sobre as mesmas, em favor de especulações industriais e interesses particulares. As comunidades de pescadores artesanais apresentam uma produção intimamente ligada ao ambiente, e o preservam pela adaptação que possuem para viver e explorar o mesmo (FERNANDES & MACHADO – GUIMARÃES, 1994).

O levantamento dos impactos sofridos pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz é um dos segmentos de um estudo realizado durante os anos de 2000 e 2001, abrangendo vários aspectos desta comunidade como: histórico de ocupação, evolução das formas de produção, aspectos sócio-econômicos, pescado e sua comercialização pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz. O objetivo foi fornecer subsídios a esta comunidade para defesa de "seu lugar", no sentido radical da palavra "ecologia", pois seu ambiente, subsistência e sobrevivência, ainda hoje vêm sendo ameaçados por atividades pesqueiras industriais – sempre predatórias – prejudicando a pesca e o ambiente de

Santa Cruz. Como se não bastasse o problema da pesca industrial, outra atividade industrial como a empresa mineradora Totham – exploradora de algas calcáreas – pode vir a prejudicar a pesca artesanal da região, através da destruição de nichos utilizados pelo pescado da região de Santa Cruz (NETTO, 2001).

A comunidade de pesca artesanal de Santa Cruz tem um número variável de dezoito pescadores, devido à instabilidade da atividade pesqueira. Foram diagnosticados três impactos principais nesta comunidade: a invasão de embarcações de "fora" – provenientes de outras regiões do estado e do país – causando transtornos à comunidade; a pesca industrial; e a instalação de uma empresa mineradora de calcário biogênico na região. Aliado a esses impactos, a falta de apoio da Prefeitura local aos pescadores de Santa Cruz torna ainda mais difícil à continuidade de um segmento culturalmente diferenciado – o pescador artesanal – cujo conhecimento adquirido através de séculos de experiências diretas e de contato com o meio ambiente, permite sua interação de forma correta e ecológica com o recurso pesqueiro.

ÁREA DE ESTUDO

O Município de Aracruz, localizado no litoral norte do Espírito Santo, a 80 Km da capital de Vitória, situa-se nas coordenadas 19° 49' 06'' S e 40° 16' 37'' W. Dividido politicamente em cinco distritos: Sede, Santa Cruz, Riacho, Guaraná e Jacupemba, ocupa uma área de 1.435 Km². O Município é drenado pelas bacias do rio Riacho com 1.081 Km e também do rio Piraquê cuja localização está entre 40° 05' W e 20° 00' S, possuindo cerca de 457 Km². As margens do rio Piraquê – na desembocadura do rio junto ao estuário – está localizado o Distrito de Santa Cruz, distante 65 Km da capital do Estado, Vitória (Figura 1).

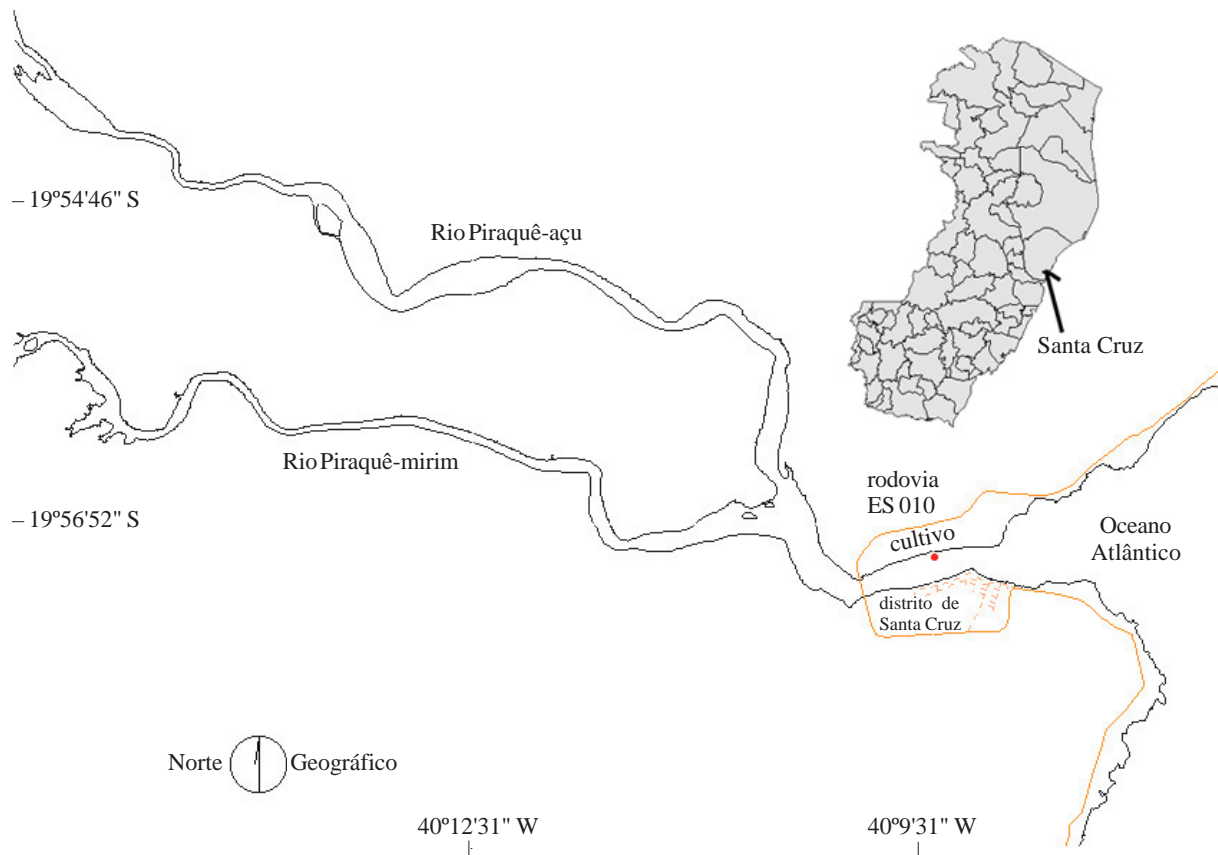


Figura 1. Localização da área de estudo.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento do estudo, foi aplicado um questionário denominado Base, para o levantamento dos impactos sofridos pela comunidade – além da observação direta – comprovando algumas das características essenciais dos pescadores artesanais de Santa Cruz. Estes dados são apresentados em forma de tabela nos resultados deste estudo. É válido salientar que este questionário foi aplicado a todos os pescadores artesanais da comunidade, segundo proposto por KREJCIE E MORGAN (1970), *apud* GERARDI (1981), que afirmam que em populações com tamanho entre 15 e 20 indivíduos a amostra precisa cobrir todos, podendo ficar apenas um indivíduo da população de fora da amostragem.

A partir do questionário Base, envolvendo todos os pescadores, foi possível identificar pessoas consideradas como “menores pedaços reconhecíveis

de informação cultural, os blocos de construção de idéias” (BALL, 1984 *apud* MARQUES, 1995), denominados “memes” (DAWKINS, 1979 *apud* MARQUES, 1995), entidades autoduplicadoras capazes de serem transmitidas através de comportamento verbal (MARQUES, 1995). Estes “memes” – pescadores que detêm o conhecimento e os transmite com maior facilidade aos demais – foram alvo de entrevistas mais fechadas, buscando informações mais precisas e detalhadas a respeito dos impactos. Estas entrevistas, com o auxílio da técnica de gravador, respeitaram sempre um roteiro, semi-orientado, onde o pesquisador de tempos em tempos efetua intervenções para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar. O informante fala mais que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador (QUEIROZ, 1991). Os dados obtidos nas entrevistas com gravador foram todos transcritos,

analisados, e dispostos nos resultados em forma de trechos das entrevistas que ratificam os dados obtidos.

O registro fotográfico serviu como importante ferramenta para a realização de uma outra modalidade de entrevista – a foto-entrevista – onde as fotos são examinadas em conjunto, pelo pescador e pesquisador durante a entrevista. Dessa forma a tensão da entrevista pôde ser reduzida, havendo um alívio por parte do informante, pois ele deixa de ser o assunto principal da investigação, passando a ser um guia experiente, que conduz o pesquisador através do conteúdo das imagens. Este método favoreceu ao informante falar sobre personalidades, lugares, processos e artefatos, promovendo um grande fluxo de informações enriquecendo o trabalho (NUNES, 1998).

RESULTADOS

Os principais problemas enfrentados pelos pescadores artesanais de Santa Cruz são: as embarcações provenientes de fora do município de Santa Cruz; a pesca industrial, a instalação de uma Empresa Mineradora de Calcário Biogênico na região, a falta de estoque pesqueiro, proibições da pesca por um determinado período de desova, e finalmente a falta de apoio da prefeitura de Santa Cruz para com a comunidade de pescadores artesanais (Tabela 1).

Tabela 1. Principais impactos sofridos pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, segundo questionário.

| Principais impactos sofridos pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Embarcações de fora de Santa Cruz | 11 |
| Pesca Industrial | 6 |
| Instalação de uma Empresa Mineradora de Calcário | 2 |
| Falta de Estoque Pesqueiro | 2 |
| Proibição da pesca no período de "Defeso" | 2 |
| Falta de Apoio da Prefeitura de Santa Cruz | 1 |

Embarcações de fora de Santa Cruz

Conforme apontado na tabela acima, o principal fator que prejudica hoje o pescador de

Santa Cruz é a ocupação da cidade pelas embarcações de fora, ou seja, embarcações que não pertencem à comunidade e que na maioria das vezes não estão registradas para exercer a atividade. As principais reclamações da comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, em relação aos de fora, são o comportamento bastante diferente do cotidiano da cidade e as técnicas de pesca, muitas delas predatórias. Várias foram às notas nos jornais da Grande Vitória comentando a respeito do atrito entre a comunidade de Santa Cruz e os pescadores provenientes de fora da cidade de Santa Cruz (Anexo I). Em relação às técnicas de pesca predatórias utilizadas por estes pescadores de fora, destacam-se o Puçá e a Rede de Caída de Fundo, ambas reconhecidamente predatórias.

O Puçá consiste em um arco de metal com diâmetro variável de um a dois metros, com uma rede presa a ele assemelhando-se a um grande coador. A rede fica voltada para baixo do arco; para cima, em direção ao barco, está a corda que serve para içar o puçá de dentro d'água, em que é presa também a isca logo na entrada do arco. A pescaria é realizada da seguinte forma: joga-se o puçá no mar com a isca na "boca" do puçá, quando o cardume estiver todo concentrado acima do arco, comendo a isca, o pescador puxa o puçá. A tendência do cardume ao sentir o movimento do aparelho é afundar, nisto ele fica preso na rede e é içado ao barco. O grande problema desta técnica é que em meio ao cardume, que em uma puxada pode trazer de cinquenta a cem quilos em média, também está preso o peixe pequeno que ainda não chegou a idade reprodutiva e não tem valor comercial. O pescador pode até alegar que usa uma malha grossa, para pegar apenas o pescado grande, entretanto quando o cardume é capturado, mesmo os pequenos não escapam, pois a grande quantidade de pescado que vem de uma só vez obstrui a malha mantendo os pequenos peixes presos. Nesta pescaria o barco precisa estar equipado com uma espécie de guincho, para içar a grande quantidade de pescado.

"Tem alguns pescador do sul que fazem isso aí! Esse pessoal aí de fora faz. O puçá é um arco né! Grande igual um coador feito de rede, certo! Aí chama-se puçá! Aí você bota a isca ali, aí o peroá vai juntando na isca, aí ele dá aquela puxada aí a tendência do peixe é descer, se mexer a tendência do peixe é ir pro fundo, aí ele vai só ensacando ali, e quando ali tem uns 50, 100 quilo o cara puxa em dois, três lá praquela troço lá em cima! A

pesca predatória é essa aí ó!... Essa pesca ainda é utilizada pelas pessoas de Guarapari, Conceição da Barra, pessoal de Barra de Itabapoana, Estado do Rio, esse pessoal daqui de Santa Cruz não usa esse tipo de pesca não!... ce vai fazer a pescaria de o puçá, aí que que acontece, aí vai vem o peroá grande, peroá médio e aquele pequenininho que você vai vende a vinte centavo, dez centavo o quilo, que aí não tem nem comercio, significa somente prejuízo!”

(Seu Pedro e Arnaldo Cabral – Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

A Rede de Caída de Fundo consiste na disposição de vários panos de rede formando uma grande barreira, e como o nome já diz, são colocadas poitas para que a rede fique junto ao substrato no fundo do mar. Para realizar esta pesca é necessário sondar o fundo, pois a presença de formações rochosas vai impedir a passagem da rede, danificando-a. A pesca de rede de caída de fundo se aplica a fundo sem rochas muito grandes. Após a sonda do local é escolhido um ponto onde a rede vai ser solta, visto que nesta modalidade a rede é liberada em um ponto determinado para que as correntes marinhas a carreguem. Este é exatamente o problema desta pesca, visto que a rede vai arrastando no fundo e revirando o substrato, causando enorme impacto sobre o bentos marinho. A rede é acompanhada pelo barco sendo monitorada através de sinalizadores ou pisca-alertas, ou ainda bandeiras dispostas na rede para que a mesma não seja perdida de vista. O barco decide quando colher a rede.

“E a rede de caída de fundo ainda que é a rede que vai arrancando aí! É uma pesca que destrói porque além de mexer no fundo né! Mexe no fundo e vem colhendo tudo aí pra dentro né! Fazendo uma limpeza no fundo! Essa rede corre solta, ela corre através da correnteza marinha né!... Eles acompanham com o barco, tem dois sinalizadores né! Ou mais, chama pisca alerta né! Eles amarram umas bandeiras na rede e você sabe onde ta a rede, você ta no barco ali e fica um na vigília, os outros dormem e um fica vigiando, pro barco não distancia da rede, porque o barco vai corre mais do que a rede! Ai na hora que ta longe, piscando bem longe ai funciona o barco joga o barco em cima da rede outra vez na!”

(Seu Pedro e Arnaldo Cabral – Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

A pesca Industrial

A pesca industrial é outra atividade que os pescadores de Santa Cruz destacam como principal responsável pela redução do estoque pesqueiro na região. Essa pesca é realizada por barcos de grande porte ou até mesmo navios, que pertencem a grandes empresas. Essa pesca é chamada também de Arrastão ou pesca com Traineira, e consiste em dispor uma rede esticada no mar ligada, a dois barcos ou Traineiras que vão arrastando a mesma por um tempo determinado, daí o nome de arrastão. Em meio a este arrastão são capturadas enormes quantidades de pescado, cerca de até oito mil quilos em cada arrasto, e como acontece com o puçá e a rede de caída de fundo, mesmo se a malha for grossa os pequenos peixes ainda ficarão retidos devido a grande quantidade de peixes aprisionados. Outro fator que prejudica os pescadores artesanais é que se uma de suas pequenas redes estiverem no caminho, também serão levada pelo arrastão. Depois de um tempo arrastando a rede pelo mar, um pequeno bote a motor pega uma das extremidades da rede de um barco e liga ao outro, para que a produção seja içada para a embarcação e o pescado ser selecionado a bordo.

“Um tipo é uma rede amarrada num barco e no outro e sai arrastando aquele troço todo e o que tem ali no meio entre um barco e outro eles ensaca tudo! É uma imensidade de rede viu! Tudo próprio pra isso aí, e ali vai o pequenininho e vai o grande e vai tudo e os pequeno eles joga fora o grande eles aproveita, é de pega em cada colheita dessa aí até oito mil quilos de uma vez, então eles tem uma aparelho próprio que localiza o cardume, tem esses bote inflável com motor de 25 hp, joga ele n’água aí o cara pega a ponta da rede a reboque vai arrastando e faz o cerco onde ta o cardume de peixe né! Pega a outra ponta e entrega no barco aí através daqueles guinchos que coleta aquela quantidade de peixe que daria pra cem barco pesca dentro de dez, quinze dias. São barcos de firmas grandes sempre do estado do Rio, daqui mesmo de Santa Cruz ou Barra do Riacho não existe não!”

(Seu Pedro e Arnaldo Cabral – Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Instalação de uma empresa mineradora de calcário

A chegada de uma Empresa Mineradora de Calcário Biogênico (Anexo II), que ainda não se instalou completamente devido as reivindicações da comunidade de Santa Cruz, Organizações Não-Governamentais (ONG's) e Ambientalistas de todo o Estado, também é fator destacado pelos pescadores como possível impacto sobre o pescado de Santa Cruz, principalmente no que diz respeito à movimentação de equipamentos industriais no mar próximo, além da retirada do calcário, principal componente do substrato da região e nicho ecológico de várias espécies de bentos, plâncton e macroalgas, afetando toda a teia alimentar na região e influenciando diretamente no pescado.

“E ainda vai acontecer coisa pior em cima da pesca ainda aqui que vai acabar com mais ainda, essa exploração de algas que acontece, aí que acaba tudo, aí acaba tudo! O Arnaldo mesmo pode falar que ele é pescador que vem de herança, essa pesca do Arnaldo aí essa pesca de herança que veio do pai, que eu conheci o pai dele e conversei demais com o pai dele sobre isso ai né! E ele pesco em cima de rocha de calcário que é o que tem mais de habitat de lagosta que tem ai! Se eles tirá isso aí, aí que ceis vão vê só! Aí é que não vai ter nada mesmo! O Arnaldo por exemplo na pescaria que ele fazia de primeira, Seu Eufrásio nada vai ter mais aí, Seu Eufrásio acho que ele vive daquilo ali né Arnaldo?... Morre os pequenos peixes e a moradia deles...”

(Sales Candeira e Seu Pedro – Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Falta de estoque pesqueiro, proibição da pesca no período de “defeso” e falta de apoio da prefeitura de Santa Cruz

Quando o pescador de Santa Cruz aponta a falta de estoque pesqueiro como impacto na região, ele liga este fator diretamente aos impactos descritos acima. Em relação à proibição da pesca no período de “defeso”, é destacado a falta de apoio financeiro aos pescadores neste período de resguardo – “Defeso”. A falta de apoio da Prefeitura de Santa Cruz destacada pelos pescadores se refere principalmente a infraestrutura para a atividade pesqueira como: um

cais para aportar embarcações da cidade e de fora da cidade, locais para a limpeza do pescado, sanitário público para os mesmos entre outras obras. Essa falta da Prefeitura acaba promovendo o desconforto, e até mesmo conflito, hoje existente na cidade em relação aos pescadores de fora, que ao chegarem utilizam vias públicas e particulares para realizarem suas necessidades, e passar o tempo durante o intervalo entre as saídas de pesca. Neste período em que o “pescador de fora” está na cidade onde não tem moradia, procura o lazer na maioria das vezes em bares e na prostituição. A partir destes comportamentos que os conflitos surgem dentro da cidade.

DISCUSSÃO

Embarcações de fora de Santa Cruz

O principal problema da chegada dos “pescadores de fora” foi o excesso de embarcações – cerca de duzentas – no rio Piraquê-Açu, que não comporta tamanha quantidade de barcos provenientes do sul. Isso gerou os primeiros conflitos pois na falta de cais, as embarcações dos pescadores de Santa Cruz começaram a ser utilizados pelos “de fora” como atracadouros. Durante o tempo que permaneciam na cidade, moravam nas próprias embarcações, utilizando o rio para: suas necessidades, banho, despejo de lixo da embarcação como restos de cozinha e limpeza de pescado. A maioria dos “pescadores de fora” vem de cidades maiores que Santa Cruz, e conseqüentemente apresentam comportamento compatível com seu local de origem, gerando conflito também com o modo de vida pacato da comunidade inteira.

A pesca artesanal em Santa Cruz – que utiliza apenas a linha, rede e balão – se vê prejudicada pela utilização de técnicas predatórias de pesca pelos pescadores de fora, como o puçá e a rede de caída de fundo. Enquanto que a pesca de linha, através do tamanho do anzol, seleciona o tamanho dos peixes, as técnicas predatórias colhem todo o cardume independente do tamanho do pescado. Esse fato causa revolta nos pescadores artesanais de Santa Cruz, pois se eles pescam 100 Kg de Peroá em uma saída de pesca, a embarcação com o puçá o faz de uma só vez, na primeira “puxada” do dia. Este comportamento também é descrito por CASTANHEIRA & CARRASCO (1998), na comunidade tradicional da Ilha Comprida – SP, onde um pescador salientou: “...como aquela não é a sua

casa, não se preocupam com os prejuízos que estão causando. Quando acabar o que tem aqui, eles vão para outro lugar.”, quando se referia a extração predatória de ostras no manguezal de onde a comunidade tirava seu sustento. E isso foi exatamente o que aconteceu em Santa Cruz, pois os “pescadores de fora” chegam na alta estação, exploraram o pescado desrespeitando os pescadores locais, e quando o pescado diminuiu na baixa estação todos deixaram a cidade. A comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, assim como as de Pedrinhas e Jaráiva – na Ilha Comprida, SP – conhecem a região onde vivem e seus ciclos biológicos. Conhecem bem a sua área e a respeitam por sua importância, e principalmente passam este respeito e conhecimento para as futuras gerações, seus filhos. Por isso da necessidade de preservar além do ambiente, o segmento de sociedade intimamente ligado a ele.

A pesca Industrial

Segundo DIEGUES (1995), a sobrepesca – exercida em particular pelos arrastões da pesca empresarial-capitalista – é fator preponderante que gera conflitos entre essas duas formas de produção, prejudicando a produção e reprodução dos pescadores artesanais. A questão da sobrepesca foi citada por CARNEIRO *et al* (2000), que em seu trabalho no biênio de 1998-99 verificou uma maior concentração da atividade pesqueira industrial na região sudeste. Um total de 48.854,3 toneladas de pescado – apenas pelas principais frotas pesqueiras de Santos e Guarujá do estado de São Paulo – foi capturado até os 100 metros de profundidade, distribuídas nas seguintes formas de pesca: arrasto-pequeno, arrasto-médio, emalhe, espinhel-de-fundo, arrasto de parelha, traineira e espinhel-de-superfície. Diversos trabalhos têm apontado que a pesca industrial concentra-se na região costeira até 100 metros de profundidade e que seus estoques tradicionais vêm sendo explorados ao nível de produção máxima sustentável ou até mesmo sobre-explotados (CASTELLO & HAIMOVICI, 1991; MMA, 1995; HAIMOVICI, 1997 *apud* CARNEIRO *et al*, 2000). CARNEIRO *et al* (2000) ainda conclui em seu trabalho que a prospecção de demandas por recursos pesqueiros alternativos e a diversificação dos métodos de captura, incentivando aqueles mais

seletivos, tornam-se necessários para a utilização sustentável dos recursos vivos dos ambientes marinhos. Pescadores artesanais da comunidade de Santa Cruz citam que antigamente era necessário viajar no máximo uma hora de barco para encontrar o “pesqueiro”², hoje pode ser necessário viajar até quatorze ou vinte horas para achar um bom “pesqueiro”. A comunidade concluiu que foi o desenvolvimento da pesca empresarial-capitalista que promoveu a diminuição do pescado não só em Santa Cruz mas em toda a região adjacente. Fato observado por VALENTINI (1990) *apud* MENDONÇA *et al* (2000), em relação à diminuição do pescado na costa sudeste do Brasil. Em Iguape – no complexo estuarino-lagunar de Cananéia-Iguape-Paranaguá, SP – a sobrepesca resultou no desaparecimento de cações, camarão sete barbas e pescada-foguete nos desembarques dos pescadores da comunidade (MENDONÇA *et al*, 2000).

A instalação de uma empresa mineradora de calcário

Os pescadores artesanais da comunidade de Santa Cruz acreditam que a implementação da atividade de exploração de calcário biogênico na região, contribuirá para uma diminuição ainda mais drástica dos estoques pesqueiros da região. Isso porque eles sabem que este é o substrato predominante na região, e que associado a ele estão inúmeros organismos bentônicos – principalmente algas e invertebrados – que constituem a base da teia alimentar do pescado da região, por eles denominados “peixes de pedra”. Enganam-se os empresários e inclusive técnicos na área de ecologia e meio ambiente, quando tacham de ignorantes as **comunidades tradicionais** e não leva em consideração o seu conhecimento. Além de interferir na teia alimentar, a extração deste substrato pode gerar mudança na movimentação do sedimento na região, gerando problemas que só podem ser calculados com um estudo sério e sistematizado que demanda tempo, ao contrário de estudos realizados em alguns meses – com dados que não refletem a realidade do problema – e que são aprovados como relatórios de impacto ambiental por órgãos governamentais irresponsáveis.

² “Pesqueiro” – Local onde se encontra o cardume (nota do autor).

Falta de estoque pesqueiro, proibição da pesca no período de “defeso” e falta de apoio da prefeitura de Santa Cruz

As reclamações em relação à diminuição do estoque pesqueiro na região e proibição em períodos de “Defeso”, estão relacionados respectivamente a pesca predatória discutida anteriormente, e o descaso da comunidade científica e órgão ambientais pelo conhecimento das comunidades tradicionais, conforme exposto na discussão sobre o pescado de Santa Cruz.

A falta de apoio da Prefeitura de Santa Cruz é citada, pois é o órgão que deveria estar dando suporte a comunidade de Santa Cruz, entretanto a mesma sempre tomou providências que só prejudicaram os moradores da cidade. Providências como: fechar os sanitários públicos da cidade durante a permanência dos “pescadores de fora”, causando ainda mais desconforto para as pessoas da cidade; liberação da construção de um cais em área indígena para atividade mineradora, ao invés de trabalhar na construção de um cais e boxes para descarregamento do pescado na cidade; incentivo a exploração industrial em um balneário com grande potencial turístico. O fato de ser lucrativo, gerar grande número de empregos diretos e indiretos e se bem planejado, ainda promover a conservação de recursos naturais, o torna importante fonte de renda para a região. Exemplos como o litoral nordestino, sul do Brasil, região dos lagos no estado do Rio de Janeiro, são poucos, diante do grande contingente de cidades que hoje investem no turismo. Além disso, a preservação dos recursos naturais, aliado aos núcleos de hábitos tradicionais (pesca, vilas, folclores e etc.), é condição fundamental, não só para a sobrevivência de importante segmento da população e cultura local, como paradoxalmente para a própria sustentação destas áreas como pólos privilegiados de atração turística (LAGO, 1996 *apud* PANITZ, 2000).

Fatores como grande esforço de pesca, competição com o sistema industrial, depredação dos ecossistemas, falta e ineficácia de órgãos governamentais, cercam o pescador artesanal de situações de difícil exercício da profissão (PANITZ, 2000), fazendo com que mais um segmento cultural de nosso país se extingue.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer a todos os que de alguma forma contribuíram na realização

deste trabalho, mesmo que não citados aqui.... Ao meu amigo Lupércio Araújo Barbosa, um agradecimento especial, pois durante todo o tempo do projeto esteve sempre ao meu lado. A Seu Pedro, pescador de Santa Cruz, que me integrou à comunidade e contribuiu consideravelmente na realização deste estudo. Agradeço também sua mulher pelos almoços, e pela ajuda de seus filhos. Aos meus orientadores André Alves e Jacqueline Albino, pela contribuição ao meu crescimento acadêmico e profissional. Aos professores Camilo Dias Júnior, Gilberto Fonseca Barroso e Claudia Câmara Vale, pela atenção e material cedidos durante a realização do projeto. Também ao departamento de Ecologia e Recursos Naturais pelo apoio logístico. A empresa Aracruz Celulose pelo apoio financeiro fornecido ao projeto. A Cynthia Massote Rodrigues de Oliveira, minha namorada, que agüentou as minhas ausências e reclamações durante nossa convivência. E finalmente à minha família, que independente do motivo sempre estará ao meu lado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, M.H. et al. 2000. Ambientes marinhos explorados pelas frotas pesqueiras de Santos e Guarujá (SP), v.1. In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS BRASILEIROS: CONSERVAÇÃO, 5, , Vitória. **Anais...** Vitória: ACIESP, p.83-91.
- CASTANHEIRA, S.A. CARRASCO, P.C. 1998. O homem e o manguezal: a importância da relação antrópica de comunidades tradicionais em ilha Comprida, SP, Brasil. v.1 In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS BRASILEIROS, 4, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: ACIESP, p.61-68.
- CUSTÓDIO, Z. 2001. Santa Cruz vive dilema da sobrevivência. **Gazeta Online** [online], Vitória, 28/jan/01 <http://www.gazetaonline.com.br/jornalagazeta/010128/animjornal.htm> [capturado em 30 jan. 2001].
- CUSTÓDIO, Z. 2001. Ibama chama Thotham para audiência pública. **Gazeta Online** [online], Vitória, 9/jun/01 <http://www.gazetaonline.com.br/jornalagazeta/010609/animjornal.htm> [capturado em 10 jun. 2001].
- DIEGUES, A.C.S. 1995. Povos e mares. 1. ed. São Paulo: NUPAUB-USP,. 269 p.
- FERNANDES, G.Q. MACHADO-GUIMARÃES, E.M. 1994. Eficiência das estratégias de pesca na comunidade de Zacarias, APA de Marica, RJ. v. 1 In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA BRASILEIRA: SUBSÍDIOS A UM GERENCIAMENTO AMBIENTAL, 3, 1994, Serra Negra. **Anais...** Serra Negra: ACIESP, p.222-227.

- GERARDI, L.H.O. SILVA, B.C.N. 1981. Quantificação em geografia. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 161 p.
- MARQUES, J.G.W. 1995. Pescando pescadores. 1. ed. São Paulo: NUPAUB-USP, 304 p.
- MENDONÇA, J. T. 2000. A pesca da manjuba (*Anchoiella lepidentostole*) e sua influência no complexo estuarino-lagunar de Cananéia-Iguapé-Paranaguá. v. 1 In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS BRASILEIROS: CONSERVAÇÃO, 5, 2000, Vitória. **Anais....** Vitória: ACIESP, p.251-260.
- NETTO, R. F. 2001. Os pescadores artesanais de Santa Cruz e o desenvolvimento de suas atividades. Monografia (Especialista em Ecologia e Recursos Naturais) – Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. 77p.
- NUNES, A. G. A. 1998. Os argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória – ES. Dissertação (Mestre em Multimeios) – Programa de Pós – Graduação em Multimeios da Universidade Federal de Campinas. 207 p.
- PANITZ, C.M.N. 2000. Comunidades tradicionais do litoral de Santa Catarina. v. 1 In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS BRASILEIROS: CONSERVAÇÃO, 5, 2000, Vitória. **Anais....** Vitória: ACIESP, p.40-45.
- QUEIROZ, M.I.P. 1991. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. 1. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 171 p.

ANEXO I

28/01/2001

Santa Cruz vive dilema da sobrevivência

Zeniltom Custódio

Linhares – Sucursal – A escassez de peixes na costa do Sul do Estado provocou uma corrida ao litoral Norte capixaba, motivada principalmente pela pesca do peroá. A maior concentração de embarcações, entretanto, ocorre em Santa Cruz, município de Aracruz, para onde mais de 200 embarcações pesqueiras de vários pontos do Espírito Santo migraram, levando o caos à pacata vila. O clima de bucolismo que atraía os turistas e proporcionava tranquilidade aos moradores está ameaçado, assim como o Rio Piraquê-Açu e a extensa área de manguezal que enriquecem a paisagem. Tanto o rio quanto o mangue estão castigados pelo derramamento de óleo diesel das embarcações e pela grande quantidade de peixe estragado jogado em suas águas.

O problema, que já mobilizou as autoridades municipais e do Estado, dividiu a comunidade. De um lado, estão moradores e empresários que exploram o turismo. Do outro, a parte mais pobre da população, que encontra na pesca uma fonte de renda.

Empregos

Esta não é a primeira vez que os cerca de três mil moradores de Santa Cruz são envolvidos neste tipo de dilema. A notícia da implantação de uma indústria de calcário no local, a Thotham Mineração, há dois anos, também provocou um impasse entre os habitantes da vila, e a questão acabou indo parar na Justiça. Dessa vez, novamente a comunidade é desafiada a solucionar um problema, mesmo que os interesses em jogo não sejam os mesmos para todos. Este é o segundo ano consecutivo que os pescadores de peroá se deslocam para Santa Cruz, em temporada que foi iniciada em meados do ano passado. Mas desta vez o número de embarcações, com capacidade para transportar de duas a três toneladas de peixes, é maior, entre 200 e 250. Os barcos se aglomeram em um trecho de cerca de 300 metros da praia do Rio

Piraquê-Açu, onde são desembarcadas diariamente cerca de 50 toneladas de peroá.

Lixão

O principal problema é que o ponto de concentração dos barcos, onde ocorre o desembarque do pescado, fica localizado justamente na área mais nobre do balneário, o “point” dos turistas na vila. Neste espaço, também estão concentrados os principais bares, restaurantes e hotéis de Santa Cruz. Os empresários que exploram o turismo na orla do Piraquê-Açu alegam que a atividade pesqueira desordenada está comprometendo o desenvolvimento do turismo. Luiz Carlos Fanchioli, que mantém um ponto comercial na área, afirma que a situação é caótica. “O rio se transformou em um depósito de lixo, onde é despejado todo tipo de detrito, além de óleo e peixes podres.” Outro comerciante, que preferiu não se identificar temendo represálias, disse que durante a noite a área mais nobre do balneário transforma-se em um local de prostituição e de consumo de drogas. O empresário Carlos Augusto Ewad, que explora o turismo no balneário, acha que está faltando empenho da parte da administração pública para resolver o problema. Disse ainda que o assunto já foi levado ao conhecimento da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama), da ouvidoria do Ministério do Meio Ambiente e da Capitania dos Portos. “Este movimento ameaça o ecossistema”, alerta. Alguns moradores da orla também se revelam inconformados com a situação. É o caso de dona Carmem Araújo Carlos Lamêgo, de 82 anos. Ela reclama do mau cheiro, do barulho dos motores dos barcos, da sujeira da praia e do movimento permanente de pescadores, que usam a calçada de sua casa para almoçar e deixam o lixo espalhado pelo chão. Disse, inclusive, que já pensou em construir um muro alto em volta da casa, uma construção de mais de 100 anos que se constitui em um das referências históricas da vila. “Minha filha acha que eu não devo fazer isto porque vou perder a visão para o rio”, comentou. “Só quer a saída dos pescadores quem não precisa

deles”, reage o pescador Jaó, de 49 anos, morador do local há 10 anos. Para ele e para parte da população mais carente, a presença das embarcações de fora representa a oportunidade de conseguir uma fonte de renda e de alimentos. “Eles me dão peixe todos os dias e ainda ganho dinheiro consertando redes”, explica. Para Madalena Vicente Ribeiro, 60 anos, a invasão de barcos pesqueiros “foi a melhor coisa que aconteceu”. Ela disse que fatura de R\$ 5,00 a R\$ 15,00 por dia preparando iscas para os pescadores. “Já consegui até comprar um carrinho de mão”, relatou, acrescentando que pretende utilizá-lo para transportar o peixe que ganha para sua casa, no morro de Nova Santa Cruz. Outro que também lucra com a situação é Edilson Machado Oliveira, de 16 anos, que ganha entre R\$ 20,00 e R\$ 30,00 para descarregar um barco. A mãe, Lena, de 42 anos, que tem mais seis filhos menores, também trabalha preparando iscas e comemora, afirmando que a atividade “caiu do céu”.

Drama

Os pequenos comerciantes como Hélio Crema, de 60 anos, que mantém uma sorveteria na vila, também defendem os pescadores. “Eles dão peixe para todo mundo. Hoje mesmo eu ganhei sete quilos de peróá”, contou. É desta forma, distribuindo o excedente de peixe entre os moradores mais pobres, que os pescadores, conforme o empresário Carlos Augusto, conseguem transmitir a “falsa impressão de que contam com o apoio da população”. Mas os pescadores também vivem seu drama. Aílton Milagres de Souza, de 53 anos, é dono do barco José Adriano, que tem capacidade para transportar 400 quilos de peixes. Ele mora em Guarapari e enfrenta uma viagem de 12 horas para chegar ao litoral Norte, porque o pescado está escasso na costa Sul. “Nós

também temos famílias para sustentar e estamos tentando ganhar nosso dinheiro honestamente e com muita luta”, desabafa. A exploração turística está ameaçada pela atividade dos pesqueiros, que lançam óleo e lixo no Rio Piraquê-Açu e nas praias. Mas o pescador Jaó, que mora em Santa Cruz há dez anos, diz que só quem não precisa é quem quer a saída dos barcos do balneário. Além de garantir dinheiro com o conserto das redes, ele ganha parte do excedente de peixes. Aílton Milagres, dono de um dos barcos, mora em Guarapari e explica que só tenta ganhar dinheiro de forma honesta para sustentar sua família.

TRAJETÓRIA

História marcada pela riqueza e decadência. A história da vila de Santa Cruz lhe confere uma importância muito grande no processo de colonização da região. No local onde hoje vivem cerca de quatro mil habitantes, em 1556 foi fundado um núcleo de catequese indígena que recebeu o nome de Aldeia Nova. Mas como se construiu outro núcleo perto dali, o de Nova Almeida, a Aldeia Nova teve de mudar o nome para Aldeia Velha, que ficou em grande abandono. Em meados do século XIX, a aldeia acabou se tornando sede da freguesia religiosa, o que a levou, em 3 de abril de 1848, a se tornar sede municipal, batizada como Santa Cruz. A sede, por muito tempo, foi uma cidade importante, graças ao seu movimentado porto, por onde escoava toda a produção agrícola da região. No local ainda existem prédios antigos, como o que foi construído em 1860 para abrigar a sede da Prefeitura Municipal, sendo que várias casas conservam as características arquitetônicas da época.

Copyright © 1999 - S.A. A Gazeta

ANEXO II

09/06/2001

Ibama chama Thotham para audiência pública

Zeniltom Custódio

Linhares – Sucursal – O Departamento de Registro e Licenciamento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), de Brasília, convocou uma audiência pública para o próximo dia 21, com a empresa Thotham Mineração Ltda., que pretende explorar sedimentos calcários no município de Aracruz.

A decisão, entretanto, surpreendeu técnicos do órgão no Estado, já que os trabalhos desenvolvidos por uma comissão local, com o propósito de avaliar os estudos de impactos ambientais apresentados pela indústria, estão ainda na fase inicial.

A coordenadora da comissão, engenheira de pesca Ana Lúcia Regina Melo, destacada no Ibama do Espírito Santo, seguiu ontem para Brasília, com o propósito de tentar adiar a data marcada para a audiência pública.

Importância

Entretanto, Augusto Carlos Quintanilha, técnico do Departamento de Registro e Licenciamento, não vê motivos para qualquer tipo de polêmica. Ele considera, inclusive, que a audiência poderá fornecer subsídios para a comissão e enriquecer o debate em torno da questão. “Uma coisa nada tem a ver com a outra”, disse, referindo-se ao fato de a audiência pública ter se antecipado à conclusão dos técnicos capixabas sobre o assunto.

Comissão

A comissão em Brasília, que avalia os estudos de impacto ambiental apresentados pela Thotham, é integrada por técnicos do Ibama, da Secretaria de Estado Para Assuntos do Meio Ambiente (Seama), por representantes de segmentos organizados da

comunidade de Aracruz e também por especializadas em algas calcárias de universidades dos estados da Bahia e São Paulo.

A primeira reunião do grupo aconteceu no dia 1º, quando foram discutidos aspectos sócio-econômicos do projeto. O prazo para a comissão fazer a análise se esgota no final do mês.

CRONOLOGIA DOS FATOS

- *A empresa Thotham Mineração Ltda., que concentra suas atividades no Estado do Rio de Janeiro, anunciou sua intenção de explorar algas calcárias no Estado, em agosto de 1999. A polêmica começou em setembro de 1999, quando a empresa iniciou a construção de um terminal de desembarque em Santa Cruz, em área doada pela Prefeitura Municipal de Aracruz.*
- *No mesmo mês, em meio a protestos de ambientalistas locais, a obra foi embargada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama).*
- *Em outubro, a Thotham trouxe para o Litoral Norte capixaba o barco *Obstinance*, com o propósito de desenvolver pesquisas.*
- *No mesmo mês, a empresa organizou uma reunião para fazer uma apresentação do projeto à comunidade de Santa Cruz, que rejeitou os argumentos.*
- *Em agosto de 2000, a área de Santa Cruz onde a Thotham pretende se instalar, foi ocupada pelos índios guarani.*
- *Em outubro de 2000, o juiz federal José Ferreira Neto concedeu liminar favorável à Organização Consciência Ambiental (Orca) e determinou a suspensão do processo de licenciamento da Thotham.*

Copyright © 1999 - S.A. A Gazeta